

NARRATIVAS E AFETOS: UM ESTUDO SOBRE A VOZ E O FEMININO

Marcela Rocha Mendonça Ribeiro¹
Clarissa Raquel Motter Dala Senta²

RESUMO

A oralidade marca de forma profunda e evoca memórias potentes. O primeiro contato afetivo que se tem acesso é à voz materna, e muito do que se constrói individual e coletivamente emerge a partir da transmissão oral de saberes e costumes. A oralidade é uma episteme por si própria, e a trajetória social incumbida à voz abriu espaço para uma relação estreita com o feminino. Tendo a pesquisa bibliográfica como método, e utilizando a filosofia da expressão vocal e os estudos de gênero como aporte teórico, o objetivo de pesquisa do presente artigo é estudar a relação entre a voz e o feminino. Entender a forma como ambos são lidos no contexto dos registros históricos e acadêmicos, bem como os impactos gerados a partir dessa relação, serão os objetivos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: Voz. Feminino. Oralidade. Feminismo.

INTRODUÇÃO

O movimento feminista introduziu o conceito de gênero nos debates e produções acadêmicas como forma de oposição ao determinismo biológico de termos como “diferença sexual”, mas principalmente por entender a revolução que isso traria para a história. Em um movimento visionário, as feministas “assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente.” (SCOTT, 1989, p. 3).

Historicamente mulheres tiveram sua subjetividade e papel social impostos por um sistema patriarcal que por séculos tolheu as concepções e valores relacionados ao feminino. Como consequência, presenciaram suas histórias

¹ Mestranda em Inovação em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília, Brasília – DF. E-mail: m.ribeiro26@gmail.com.

² Doutora, Professora no Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF. E-mail: claris.motter@gmail.com fulano@gmail.com.

dissolvidas na historiografia escrita por homens. A conscientização acerca do apagamento histórico feminino, somado aos esforços do movimento feminista, resultaram na busca pela construção da história das mulheres a partir de suas memórias.

O momento em que a história oral é reconhecida como campo interdisciplinar legítimo de produção de conhecimento é também quando o movimento feminista brasileiro está se solidificando. A valorização da subjetividade e das memórias faladas que a história oral traz para a academia se transforma, então, em uma ferramenta essencial para viabilizar o objetivo do movimento feminista de retirar a invisibilidade imposta à mulher como sujeito, inclusive como sujeito científico produtor de conhecimento.

Torna-se possível construir uma nova historiografia que leve em consideração a vivência das mulheres, e as epistemologias feministas incorporam esse dispositivo para viabilizar uma produção acadêmica menos androcêntrica.

As narrativas femininas começam a ganhar espaço e credibilidade, e no centro disso está o reconhecimento da unicidade da voz de cada mulher. A oralidade se torna, portanto, uma importante aliada de perpetuação da ancestralidade feminina que foi negada nos registros históricos oficiais. O objetivo aqui é entender a relação que se construiu entre a voz e o feminino, como essa aliaça se tornou um ato de resistência, e quais os desdobramentos que gera.

Adriana Cavarero (2011) propõe a filosofia da expressão vocal levantando uma crítica à priorização da palavra, das ideias, sobre a voz e a vocalização. Indicando como início de tal fenômeno a filosofia de Platão, Cavarero desenvolve a trajetória que culminou na desconsideração de quem fala em detrimento do que é falado.

Um desprezo da voz pela cultura ocidental, recalcada pelo logocentrismo, termo cunhado pelo filósofo francês Jacques Derrida, que critica o pensamento ocidental por sempre ter privilegiado a palavra (“logos”), as ideias, os sistemas de pensamento, de forma a serem entendidos como matéria inalterável, fixadas no tempo por uma qualquer autoridade exterior.

Tal distinção hierarquizante entre palavra e voz, e suas consequências, são observadas nas camadas do tecido social até hoje. Ao explicar como a metafísica

ganha espaço a partir de Platão, Cavarero demonstra como essa predileção da mente sobre o corpo deságua, em última instância, na desvocalização do corpo que emite as palavras que exprimem os pensamentos.

Determinar que o que é dito tem mais importância do que quem o diz abre espaço para uma realidade de abstrações generalizadoras e perda da subjetividade que torna cada ser único. Ao observarmos a relação determinada pela filosofia grega entre o racional masculino e o emocional feminino, junto à afirmação platônica de que a mente deve prevalecer em relação ao corpo, conseguimos identificar o pensamento patriarcal e o menosprezo igualmente destinado às mulheres e à voz.

Utilizando a filosofia da expressão vocal e os estudos de gênero, a partir de autoras como Adriana Cavarero e Joan Scott, como aporte teórico, o objetivo de pesquisa do presente artigo é estudar a relação entre a voz e o feminino.

Esse artigo faz parte de um trabalho de conclusão de mestrado, e se refere à parte que discorre sobre a vocalidade e o gênero feminino, utilizando de pesquisa bibliográfica como método de pesquisa para compreender a relação construída entre o feminino e a voz, e como um deu suporte ao outro para ocupar espaço no imaginário social.

1. DESENVOLVIMENTO

Na busca por legitimidade acadêmica nos anos 1980 os estudos feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” como sinônimo para “mulheres”. Em uma tentativa de desassociar os trabalhos científicos da política, considerada escandalosa, do feminismo, adotaram a terminologia “gênero” por trazer uma neutralidade e erudição mais adequadas.

O termo também foi muito útil para as ciências sociais no geral, pois sendo “gênero” sinônimo de “mulher”, as produções científicas começaram a deixar implícito que as informações a respeito das mulheres também diziam respeito aos homens, que o mundo das mulheres faz parte e está dentro do mundo dos homens. Os estudos de gênero se tornaram “uma maneira de se referir às origens

exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.” (SCOTT, 1989, p. 7).

Os estudos de gênero concentram as discussões a cerca de um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é determinado por ele e nem determina diretamente a sexualidade. Se limitando a temas como mulheres, família e ideologias de gênero, foram deixados de fora assuntos como política e organização social, sob o pretexto de tais temas não terem, explicitamente, ligação com as relações entre homens e mulheres.

Joan Scott (1989) apresenta um outro termo possível para abordar as questões femininas no mundo, “história das mulheres”, que “revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos.” (SCOTT, 1980, p. 6). Nos estudos de gênero, onde os temas mapeados não passam das questões domésticas e familiares tradicionais, as mulheres não são nomeadas, se tornam objeto de análise por um terceiro, sem direito à voz própria.

A temática da voz, inclusive, se relaciona diretamente com a história das mulheres. Historicamente silenciadas pela perspectiva masculina do mundo, as narrativas femininas foram deixadas de fora de inúmeros registros históricos. Qual história do mundo seria ensinada nas escolas se os relatos das mulheres estivessem presentes?

A questão é que a voz em si, assim como as mulheres, também foi relegada a um papel secundário e indigno de atenção ao longo da construção da lógica social ocidental. No processo que se inicia na Grécia de Platão, o vocábulo, a expressão vocal, foi entendida como um mero processo de cópia das ideias originais, os pensamentos.

Adriana Cavarero (2011) propõe a filosofia da expressão vocal levantando uma crítica à priorização da palavra, das ideias, sobre a voz. Indicando como início de tal fenômeno a metafísica de matriz grega, Cavarero desenvolve a trajetória que culminou na desconsideração de quem fala em detrimento do que é falado. Um desprezo da voz pela cultura ocidental, recalcada pelo logocentrismo, e tudo que se perdeu a partir desse movimento.

O processo de elaboração da metafísica trouxe uma necessidade de encontrar significado para todas as coisas, pensamentos e acontecimentos. Na busca pela verdade inefável não havia espaço para subjetividades, e os sons, que são “eventos dinâmicos, não qualidades estáticas, e por isso são transeuntes por natureza” (CAVARERO, 2011, p. 55), não oferecia a solidez necessária.

A visão se apresenta, então, como o sentido mais apropriado aos objetivos dessa linha de pensamento. Ela permite uma posição de controle por parte do sujeito, ativa e, ao mesmo tempo, distante e sem envolvimento. O ditado que afirma que é preciso ver para crer se traduz nessa convicção metafísica, herdada da cultura grega, de que o olho é o mais nobre dos sentidos e o único capaz de auxiliar o sujeito na interpretação do mundo.

O que acontece a partir daí é a gradual substituição de análise da voz que enuncia pela palavra que é dita e, preferencialmente, escrita. A voz se torna apenas signo da ideia, a verdadeira origem e o que deve ser estudado de fato. A voz, e quem a emite, portanto, não carece de análise e tampouco valorização. É nesse momento que se perde a referência ancestral, a partilha coletiva. Os indivíduos ficam cada vez mais presos no mundo das ideias, onde não se compartilham percepções, somente criam-se ideias ensimesmadas sobre a realidade.

No teatro da consciência, a natural capacidade relacional do vocábulo - a relacionalidade acústica que a palavra, enquanto palavra sonora, confirma - é preventivamente neutralizada em favor de uma voz silenciosa e interna que produz uma relação de tipo autorreferencial, uma relação egológica de si para si. O preço da eliminação do caráter físico da voz é, em primeiro lugar, a eliminação do outro, ou melhor, dos outros. (CAVARERO, 2011, p. 65)

Agora, além de ser considerada apenas uma cópia da ideia original, a voz também representa uma inconveniência para a metafísica. A voz é ingovernável, capaz de fazer emergir sentimentos e desejos, todas essas características inadmissíveis na concepção de realidade racional e imparcial da linha de pensamento grega. Para sustentar a ilusão de que o pensamento racional é capaz de contemplar todos os aspectos da realidade é estratégico tornar irrelevante o “fluxo evanescente, concreto e socializante da oralidade primária.” (CAVARERO, 2011, p. 105).

Todo o processo intencional de desvalorização da expressão vocal, de redução da sua relevância na manifestação única do sujeito, é realizado para garantir que as subjetividades fossem excluídas do processo de construção de conhecimento. A escrita se mostrou uma improvável aliada na valorização do pensamento racional, que abriu espaço para uma ciência controladora e generalista, aversa à espontaneidade dos encontros orais.

O que Platão e a metafísica escolhem ignorar, e mais a frente outras linhas de pensamento como o movimento feminista irão contestar, é que as palavras utilizadas para descrever a realidade remetem ao falante, e o falante à voz. A verdade inconveniente à filosofia é que para compreender as dinâmicas do mundo é preciso acolher as vozes dos que nele vivem, com suas incoerências e individualidades.

O interessante na relação entre a metafísica e a voz é que a primeira reconhece a potência da segunda, sua capacidade singular em representar a unicidade de cada ser. No entanto, a metafísica se equivoca em pensar que tal força, que os sentimentos e emoções evocados pela voz, comprometem o processo de interpretação do mundo. Não se distorce a realidade ao levar em consideração as emoções presentes naquele momento. Cria-se, ao contrário, uma visão mais apurada e profunda, pois a realidade é feita de subjetividades.

Ao olharmos demasiadamente para cima em busca do mundo das ideias corremos perigo de perder o que acontece aqui no mundo real, humano.

O filósofo, por sua vez, separando o olhar do mundo humano da vida e da contingência, olha para cima a fim de contemplar o céu imóvel das ideias. A verdade e a realidade de suas visões não se referem ao mundo humano das histórias mas sim ao mundo hiperurânico; este se opõe ao acontecer das histórias tanto quanto o ser se opõe ao aparecer, o universal, ao particular, e as ideias, à pluralidade das coisas do mundo." (CAVARERO, 2011, p. 122)

Na transição da centralidade do que se ouve para o que se vê, se retira a dinamicidade do fluxo vocal para dar espaço à solidez do signo escrito, a linguagem se torna, então, um objeto de observação racionalizada. Nasce, também, o estatuto da ciência, ou seja, o conhecimento verdadeiro, a episteme, que aprisiona os eventos sonoros em imagens abstratas e universais. A voz perde

completamente sua autonomia como fonte de sabedoria, todo som pronunciado é congelado em forma de escrita para servir ao olho, e a desvocalização é completa.

Todo esse processo intencional de desvalorização da expressão vocal, de redução da autonomia de manifestação singular, é realizado para garantir que as subjetividades fossem excluídas do processo de construção de conhecimento. A escrita se mostrou uma improvável aliada na valorização do pensamento racional, que abriu espaço para um fazer científico controlador e universalista, averso à espontaneidade que os encontros orais permitem.

Seguindo a lógica binária do patriarcado, e da qual bebe a filosofia, de um lado está a mente e do outro o corpo, O confiável e imparcial sistema de pensamentos que analisa o mundo como ele realmente é, versus a experiência corpórea volátil e refém dos desejos e emoções. Essa dualidade razão e emoção foi utilizada na construção de diversos conceitos sociais, entre eles os papéis de gênero.

Desde conversas dentro de casa até propagandas e as produções audiovisuais de Hollywood, toda a nossa vivência é permeada por esse discurso que associa o gênero masculino ao racional, controlado, mental e o gênero feminino às emoções e a passionalidade corporal. O masculino se afasta em seus pensamentos, o feminino se envolve na presença.

A questão chave aqui é a distinção hierarquizante que se estabelece entre tais conceitos, e suas consequências observadas nas camadas do tecido social até hoje. Ao explicar como a metafísica ganha espaço a partir de Platão, Cavarero (2011) demonstra como essa predileção da mente sobre o corpo deságua, em última instância, na desvocalização do corpo que emite as palavras e sente todas as emoções envolvidas. Determinar que o que é dito tem mais importância do que quem o diz abre espaço para uma realidade de abstrações generalizadoras e perda da subjetividade que torna cada ser único.

Ao observarmos a relação determinada pela filosofia grega entre o racional masculino e o emocional feminino, junto à afirmação platônica de que a mente deve prevalecer em relação ao corpo, conseguimos identificar o pensamento patriarcal e o menosprezo igualmente destinado às mulheres e à voz. O trecho de Vozes Plurais resume essa relação simbiótica:

Sintomaticamente, a ordem simbólica patriarcal que identifica o masculino com o racional e o feminino com o corpóreo é a mesma que privilegia o semântico em relação ao vocálico. Dito de outro modo, mesmo a tradição androcêntrica sabe que a voz provém da “vibração de uma garganta de carne” e, exatamente porque o sabe, classifica-a na esfera corpórea - secundária, transitória e inessencial - reservada às mulheres. Feminilizados por princípio, tanto o aspecto vocálico da palavra quanto principalmente o canto comparecem como elementos antagonistas de uma esfera racional masculina centrada, por sua vez, no elemento semântico. Para dizer com uma fórmula: a mulher canta, o homem pensa. (CAVARERO, 2011, p. 20)

Pode-se perceber como a história da voz está, portanto, intimamente relacionada à história das mulheres na cultura ocidental. Em uma filosofia logocêntrica e androcêntrica não há espaço para as narrativas femininas e suas subjetividades. A produção de conhecimento deve ser racional e afastada da realidade para garantir imparcialidade, e cabe ao homem essa tarefa pois ele é o detentor de tais características.

Em outras palavras, na ordem simbólica patriarcal, notoriamente dicotômica, que concebe o homem como mente e a mulher como corpo, a cisão do logos em pura phoné feminina e em puro semantikon masculino resulta coerente com o sistema e o confirma. (CAVARERO, 2011, p. 132)

O que Platão e a metafísica escolhem ignorar, e mais a frente outras linhas de pensamento irão contestar, é que as palavras utilizadas para descrever a realidade remetem ao falante, e o falante à voz. A verdade inconveniente à filosofia é que para compreender as dinâmicas do mundo é preciso acolher as vozes dos que nele vivem, com suas incoerências e individualidades.

Se fizermos o exercício de mudar a perspectiva de análise da dinâmica social, compreendendo a importância de captarmos nuances que somente o relato subjetivo e a proximidade podem oferecer, é possível enxergar a verdadeira potência existente na escuta da voz do outro.

Abandonar o caráter generalizador da filosofia abre espaço para inclusão de diferentes vivências, adicionando um enriquecimento de perspectivas à história da humanidade. E tudo isso começa com a escuta ativa entre os grupos, a oralidade é a conexão inicial entre subjetividades. O poder existente na troca vocalizada entre corpos presentes não deve ser subestimado.

Em artigo publicado na revista História Oral, a pesquisadora responsável pela criação do Arquivo da Memória da Experiência de Guerra do Kosovo Silvia

Salvatici (2005) fala sobre as memórias de mulheres que viveram em períodos de guerra e tiveram seus relatos desconsiderados nos registros oficiais. Após ouvir o relato de algumas dessas sobreviventes, Salvatici comenta semelhanças das experiências e como o ato de cuidar e proteger as pessoas se mostrou um desempenho característico da resistência feminina.

Conforme descreve a autora, a imagem que se tinha anteriormente de um comportamento passivo, confinado a um espaço doméstico, foi ressignificada nos relatos de mulheres que se fizeram presentes para os seus, por meio da escuta e do cuidado, criando um cenário de resistência ativa. Para que a vivência feminina não fosse apagada ao longo de anos de opressão e desprivilégio, desenvolveu-se estratégias dentro do que era possível na realidade imposta.

Os espaços públicos e de produção de conhecimento eram negados, então elas utilizavam a transmissão oral de vivências e saberes, a força do senso de coletividade entre pares, como forma de resistência e perpetuação da sabedoria ancestral. Subjetividade, cuidado próximo, vocalização como fonte primária de conhecimento, todas as características negadas pela filosofia androcêntrica tornaram-se ferramentas de resistência do feminino.

2. CONCLUSÃO

Longe de ser uma questão resolvida com o avanço das discussões sociais, hoje vivemos em cidades mergulhadas em sons e narrativas, e, no entanto, isso não significa que superamos o logocentrismo. A problemática não está na quantidade, limitando-se a uma questão de presença ou ausência, mas se refere ao modo como nos relacionamos com o universo da sonoridade e ao fato de que vivemos ainda sob uma noção hierárquica do conhecimento que convoca a voz, no máximo, como objeto para expressão do cálculo científico, não como um modo próprio, diverso e suplementar de se estabelecer uma relação com o real. E dentro disso, permanece ainda a associação da voz e o feminino, juntos em um limbo de desvalorização.

A tentativa metafísica de criar fórmulas e prever comportamentos, aponta quase uma fuga daquilo que nos torna, essencialmente, humanos. Ao que é

corpóreo, como a voz, são atribuídos adjetivos como sedutor, tentador e incontrolável, não por acaso os mesmos termos são utilizados para descrever o comportamento feminino, esse suposto poder que as mulheres exercem sobre a mente do homem, levando-o a fazer coisas que, em seu estado normal de racionalidade, não faria.

A sabedoria ancestral feminina segue o caminho oposto da metafísica, como um movimento de resgate e aceitação de todas as luzes e sombras humanas. Durante muito tempo foi negada às mulheres o poder de fala, e em seguida a valorização do que elas tinham para falar. Para permanecerem vivas, suas histórias e conhecimentos, foi preciso entender a força da coletividade. Há um poder transformador no caos de vários sons ecoando subjetividades, a compreensão da unicidade presente em cada voz abre espaço para diálogos mais complexos rumo ao avanço social. A vocalização das individualidades é capaz de criar sinergias coletivas capazes de construir novas realidades.

Recusando-se a serem deixadas historicamente sem voz por mais tempo, as mulheres estão criando uma nova história - usando nossas próprias vozes e experiências. Estamos contestando o conceito tradicional de história, aquilo que é “historicamente importante”, e estamos afirmando que nossa vida cotidiana é história. Usando uma tradição oral, tão antiga quanto a memória humana, estamos reconstruindo nosso próprio passado. (GLUCK, 1977 *apud* SALVATICI, 2005, p. 30)”

Bell Hooks (1989) instaura estes dois conceitos de “sujeito” e “objeto” argumentando que sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (HOOKS, 1989, p. 42). Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos.” (HOOKS, 1989, p. 42). Complementando o pensamento da autora, sujeito é quem vocaliza sua própria história, em seus próprios termos. Objetos são silenciados e possuem suas narrativas contadas como parte coadjuvante da história do sujeito.

Não basta apenas ter a palavra, é necessário que as mulheres resgatem sua voz, e para que as palavras que saíam de suas bocas sejam entendidas como discurso é necessário criarmos novos espaços de escuta e de organização social.

Grada Kilomba (2008) personifica a mulher sem voz na imagem da eterna subalterna, que mesmo se recuperasse sua voz e falasse não seria compreendida tampouco escutada pelos que estão no poder. “Nesse sentido, a subalterna não pode, de fato, falar.” (KILOMBA, 2008, p. 47).

É improdutivo pensar em formas de ocupar os espaços construídos por homens e pensados para eles, acreditando que haverá novos resultados advindos de uma velha lógica patriarcal. A força da mulher não deve ser associada ao conceito de força masculino, não precisamos de mais do mesmo. De onde pode vir a força feminina capaz de retirar as mordaças simbólicas para que as vozes delas ecoem livremente em uma nova realidade mais plural? Através dos relatos colhidos para este trabalho, junto às leituras sobre voz e o feminino, algumas características apontam caminhos no processo feminino de resistência ativa ao longo da história: senso de coletividade, resiliência, o cuidado com o outro e o respeito às subjetividades.

É histórica a limitação do potencial único da voz àquilo referente ao corpóreo, incerto e pouco confiável. Ao feminino também foi relegado habitar esse espaço de desimportância, no qual o “discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser dita nem tampouco ouvida.” (KILOMBA, 2019). O que foi criado a partir daí, no entanto, se mostrou como um dos atos mais bem sucedidos de resistência da historiografia humana.

A partir do momento que os relatos narrados de mulheres começam a ser considerados como uma episteme em si, começam a aparecer nuances de acontecimentos históricos que mostram o perigoso empobrecimento narrativo que vivenciamos por séculos. Experiências e passagem de saberes ancestrais tão válidos cientificamente quanto um teorema, tendo em vista que foram testados por gerações com êxito.

A partir das leituras realizadas para a construção desse artigo, é possível identificar conceitos como cuidado, senso de comunidade, coletividade como estratégia de sobrevivência, resiliência, reconhecimento e valorização da alteridade. A imagem passiva de mulheres conversando entre si, recolhidas em seus quartos dividindo segredos, é substituída por testemunhos de resistência

ativa e com enorme capacidade de mudança individual e coletiva. Não há privilégio hierárquico para a produção científica androcêntrica e logocêntrica para quem conhece o poder transformador da troca oral entre mulheres.

REFERÊNCIAS

CAVARERO, Adriana. **Vozes Plurais**: Filosofia da expressão vocal. Tradução Flavio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

SALVATICI, Silvia. **Memórias de Gênero**: reflexões sobre a história oral de mulheres. História Oral, Rio de Janeiro, vol. 8, p. 29-42, 2005.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Porto Alegre: Revista Educação e Realidade, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Narratives and affections: a study on the voice and the feminine

ABSTRACT

Orality makes a deep mark and evokes powerful memories. The first affective contact that one has access to is the mother's voice, and much of what is built individually and collectively emerges from the oral transmission of knowledge and customs. Orality is an episteme in itself, and the social trajectory entrusted to the voice opened space for a close relationship with the feminine. Having bibliographical research as a method, and using the philosophy of vocal expression and gender studies as a theoretical support, the research objective of this article is to study the relationship between the voice and the feminine. Understanding how both are read in the context of historical and academic records, as well as the impacts generated from this relationship, will be the specific objectives.

Keywords: Voice. Feminine. Orality. Feminism.

Narrativas y afectos: un estudio sobre la voz y lo femenino

RESUMEN

La oralidad deja una huella profunda y evoca recuerdos poderosos. El primer contacto afectivo al que se accede es la voz de la madre, y mucho de lo que se construye individual y colectivamente surge de la transmisión oral de saberes y costumbres. La oralidad es una episteme en sí misma, y la trayectoria social encomendada a la voz abrió espacio para una estrecha relación con lo femenino. Teniendo como método la investigación

bibliográfica, y utilizando como soporte teórico la filosofía de la expresión vocal y los estudios de género, el objetivo de investigación de este artículo es estudiar la relación entre la voz y lo femenino. Comprender cómo se leen ambos en el contexto de los registros históricos y académicos, así como los impactos que se generan a partir de esta relación, serán los objetivos específicos.

Palabras clave: Voz. Femenino. Oralidad. Feminismo.